

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

RODRIGO CLAUDINO DA SILVA

**O AMBIENTE DE SALA DE AULA MULTINIVELADO E O ENSINO DE
LÍNGUA ESTRANGEIRA - METODOLOGIA MULTINÍVEL**

RIO DE JANEIRO

2021

RODRIGO CLAUDINO DA SILVA

**O AMBIENTE DE SALA DE AULA MULTINIVELADO E O ENSINO DE
LÍNGUA ESTRANGEIRA - METODOLOGIA MULTINÍVEL**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
como parte dos requisitos necessários para a
obtenção do Grau de graduado no curso de
Licenciatura em Letras: Português/Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Rogério Tilio

RIO DE JANEIRO

2021

FOLHA DE AVALIAÇÃO

RODRIGO CLAUDINO DA SILVA

DRE: 111203159

O AMBIENTE DE SALA DE AULA MULTINIVELADO E O ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA - METODOLOGIA MULTINÍVEL

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
como parte dos requisitos necessários para a
obtenção do Grau de graduado no curso de
Licenciatura em Letras: Português-Inglês.

Data de avaliação: 07 / 07 / 2021

Banca Examinadora:

NOTA: 9,0

Prof. Dr. Rogério Casanovas Tilio (orientador)

Universidade Federal do Rio de Janeiro

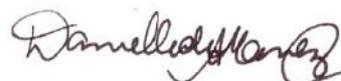
NOTA: 9,0

Profª Drª Danielle de Almeida Menezes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

MÉDIA: 9,0

Assinatura dos avaliadores: _____



AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Soraya Claudino e Hyllas José, por me apoiarem e motivarem o meu crescimento e por nunca terem saído do meu lado.

Aos meus irmãos, Igor Claudino e Mayara Claudino, por todo apoio e confiança que depositam em mim.

A Vanderley Oliveira por muito me ajudar e incentivar, mesmo quando eu mesmo não conseguia acreditar em mim.

Ao meu professor e orientador Rogério Tilio, por todos os ensinamentos, por toda paciência e apoio.

RESUMO

Dentre a grande gama de métodos e abordagens dos quais atualmente dispomos para o ensino-aprendizagem de idiomas, vem ganhando visibilidade a metodologia multinível. Buscamos aqui entendê-la como uma modalidade de ensino em sala de aula dentro de contextos diversos daqueles habitualmente trabalhados para o ensino de língua estrangeira (com enfoque aqui em ensino de língua inglesa), buscando entender sua aplicabilidade e sistematicidade; a análise da reconfiguração dos papéis do professor e do aluno dentro de um ambiente de sala multinivelada; e os potenciais benefícios, desafios e problemas pertinentes à prática da metodologia multinível. Esta pesquisa se dá de forma descritiva, recorrendo a teóricos que já contemplaram o tema e suas variantes em suas literaturas, analisando as ideias de forma crítica. Apesar de ser um tópico cuja literatura é ainda incipiente e, portanto, não possui uma vastidão de fontes que o abordem, a literatura já existente é bastante explanativa e precisa.

Palavras-chaves: ensino-aprendizagem; metodologia; multinível; língua

ABSTRACT

Among the wide range of methods and approaches that we currently have for teaching and learning languages, the multilevel methodology has been gaining visibility. Here, we seek to understand it as a teaching modality in the classroom within different contexts from those which are usually used for foreign language teaching (with a focus on English language teaching here), seeking to understand its applicability and systematicity; the analysis of the reconfiguration of teacher and student roles within a multilevel classroom environment; and the potential benefits, challenges, and problems pertinent to the practice of the multilevel methodology. This research is descriptive, using theorists who have already addressed the topic and its variants in their literature, analyzing the ideas critically. Despite being a subject, whose literature is still incipient and, therefore, does not have a vast amount of sources that address it, the existing literature is quite explanatory and precise.

Keywords: teaching; learning; methodology; multilevel; language

JUSTIFICATIVA

Atualmente, a língua inglesa já não é mais um diferencial nos currículos da maior parte da população brasileira, mas um item imprescindível para qualquer indivíduo atrás de oportunidades profissionais. Por conta disso, é esperado que a maior parte das pessoas busquem, desde muito cedo, cursos ou escolas especializadas ou bilíngues que possibilitarão o aprendizado de uma segunda língua. Ao procurar pelo curso ideal, é possível perceber uma grande quantidade de abordagens e métodos, e cabe a nós encontrarmos aquele que se adequa às necessidades e dificuldades que temos. Partindo do pressuposto que aprender e estudar uma nova língua são objetivos consideravelmente desafiadores, é preciso entender que não há nenhum método milagroso sem o mínimo de interesse e esforço por parte do público discente. A variedade de métodos encontrados é imensa e escolher um deles é uma tarefa dolorosa e que demanda uma análise minuciosa sobre as vantagens e desvantagens que oferecem, e quão de fato efetivos podem ser para o estudo da língua. Por conta disso, este trabalho tem como objetivo analisar métodos e abordagens utilizados para o ensino de língua inglesa para brasileiros com foco principal na metodologia que vem ganhando bastante destaque comercial: a metodologia multinível.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. UMA BREVE COMPREENSÃO DO PANORAMA HISTÓRICO	10
2. O PÓS-MÉTODO	11
3. COMPREENSÃO ATUAL DO CONCEITO MULTINÍVEL	13
3.1. O ambiente de sala de aula heterogêneo e o ensino de língua estrangeira (metodologia multinível)	14
3.2. <i>Blended Learning</i>	17
3.3. Aulas em um contexto multinivelado	18
3.4. O papel do professor multinível.....	19
3.5. O papel do aluno multinível	21
3.6. Benefícios e desafios do multinível	23
4. A METODOLOGIA MULTINÍVEL SOB UM OLHAR CRÍTICO: POSSÍVEIS PROBLEMAS.....	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33

INTRODUÇÃO

Como menciona Matos (2021) em seu artigo “*Qual a importância da língua inglesa no atual mundo globalizado?*”, o aprendizado de língua inglesa sempre foi um diferencial para o currículo de muitas pessoas e o interesse por aprender essa língua alcançou proporções gigantescas no mundo a ponto de a língua inglesa se tornar uma língua global. Tal fato nos direciona para a vasta gama de cursos livres espalhados pelo mundo com o intuito de instruir, guiar e ensinar falantes não-nativos a se aproximarem da tão desejada fluência.

Analisando as ideias de Vygostsky (1984), *apud* Coelho e Pisani (2012), entendemos que a linguagem humana tem um nível alto de complexidade e sofisticação se comparada aos de outros animais que, apesar de possuírem a capacidade de se comunicarem, não o fazem de forma tão profusa como nós, é inevitável perceber que aprender um novo idioma implica aumentar tal complexidade ao dobro já que você precisa, por várias vezes, se expor não só a gramática daquela nova língua, mas também a todas as suas ramificações como sua fonética, semântica, suas variações linguísticas, além de uma imersão, mesmo que involuntária, a diferentes culturas.

Baseando-se nas ideias de Lima (2012), percebemos a língua como um dos pilares principais para comunicação humana, é um dos mecanismos utilizados pelo ser humano para exercer sua autonomia como ser. Sabendo também que a língua é, de fato, um organismo vivo, é possível inferir que aprender uma segunda língua implica dizer que tal estudo deve ser contínuo e sem tempo pré-determinado para terminar, uma vez que a língua está sempre evoluindo e sofre variadas transformações ao longo de sua existência.

Contamos hoje com um número grande de línguas ao redor do mundo, e, por conta das várias diferenças existentes entre elas que são causadas pelo distanciamento que há entre suas estruturas gramaticais, era esperado que se elegesse uma língua que funcionasse como instrumento para comunicação global e esse lugar foi ocupado pela língua Inglesa, conforme nos informa Porto, em seu artigo “*Inglês: língua do mundo*”. De acordo com Moita Lopes (2008), a tecnologia aumenta o poder da globalização e, com a colaboração do inglês, ajuda a construí-la. Sendo assim, é possível entender que a língua inglesa é um elo forte no processo de

globalização e, diferente de outras línguas, possibilita que qualquer um possa ser exposto, mesmo que contra vontade, à sua presença.

O primeiro passo nesse processo de aprendizagem para os que vão aprender a língua fora de um ambiente imersivo e que pretenda a sua aquisição como segunda língua, se inicia com a procura de um curso que ofereça um método ou abordagem lhes pareça atraente. É preciso considerar que esse processo pouco se assemelha com o aprendizado que se teve durante a aquisição da língua materna - a menos que você ainda esteja no chamado período crítico para aquisição de linguagem como mencionado por Lennenberg (1967) – já que o aprendizado da última se dá de maneira natural, inconsciente e empírica através do contato direto e uso intensivo.

Ainda tomando em conta as ideias de Lennenberg, podemos inferir que aprender uma segunda língua após esse período é o mesmo que construir e desenvolver um novo conhecimento linguístico enquanto aprimora seu conhecimento de mundo, é lidar com um cenário diferente e uma realidade muitas vezes estranha que não faça tanto sentido à primeira vista para nós, impossibilitando um acesso natural e rápido à forma de ver o mundo que seus falantes nativos possuem. Ao buscarmos por esses métodos e abordagens, somos guiados através de distintas maneiras de se trabalhar com uma língua mas que, no fim, apresentam sempre o mesmo objetivo: um esclarecimento profundo de como funciona esse novo mecanismo de comunicação através de habilidades essenciais como oralidade, escrita, escuta e compreensão textual que, em outras palavras, significa atingir a fluência esperada para conseguir estabelecer uma comunicação satisfatória.

Porém, encontrar a metodologia ou abordagem ideal para seu processo de aprendizado pode ser um passo desafiador, cheio de informações e dados que contrariam métodos tradicionais e/ou convencionais. É preciso salientar que este trabalho não tem como objetivo classificar método algum como certo ou errado, ou estabelecer um grau de eficiência entre métodos apontando-os como eficientes ou não-eficientes, mas concentrando-se em apresentar dados sobre um novo método de orientação docente que vem ganhando espaço entre cursos livres e saber da sua real eficiência mediante suas técnicas, princípios e objetivos: o Multinível.

Outro motivacional para este trabalho é analisar uma nova visão que se propõe a ir ao encontro das necessidades do aprendiz que também evoluem com o passar

do tempo. Em um leve grau de comparação, é como se estivéssemos à procura de um melhor medicamento para combater mutações de vírus ou bactérias que não param de evoluir a fim de encontrar um meio mais rápido e eficaz de os combater.

1. UMA BREVE COMPREENSÃO DO PANORAMA HISTÓRICO

Desde os mais remotos tempos, sempre houve interação entre nações e povos e o ensino-aprendizagem de língua estrangeira sempre foi uma atividade comum quando o interesse de comunicação mútua era estabelecido, conforme descrito por Cestaro em seu artigo “*O Ensino de Língua Estrangeira: História e Metodologia*”. No decorrer da história surgiram inúmeros métodos e abordagens que serviram para propósitos específicos pelo tempo em que foram empregados. O método gramática-tradução, por exemplo, que era baseado em tradução e análise gramatical, foi utilizado por séculos a fio no ensino das línguas clássicas e que foi transportado para as escolas para o ensino de línguas vivas e modernas, e se revelou como uma maneira muito limitante de contato com a língua-alvo.

Muitos outros métodos e abordagens foram criadas e praticadas por muitos anos e cada um nascia como proposta de sanar problemas de outros métodos e abordagens antecessores que não haviam logrado êxito total em sua aplicação, ou simplesmente não atendiam as demandas que surgiam com a evolução social e tecnológica, o que, conseqüentemente, impactava também no formato de lidar com o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras.

Reconhecendo todas as falhas e limitações que cada método e cada abordagem possa ter, e utilizando-se de qualidades que essas ideias apresentam, repensou-se um conceito mais abrangente e despreendido de dogmas mais estritos, que foi sempre o panorama onde o ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras desenvolveu. Assim nasce o pós-método que foi a janela aberta para o desdobramento da metodologia multinível.

A metodologia multinível se inspira no método lancasteriano, também chamado de Ensino Mútuo ou Monitorial, que foi uma concepção do pedagogo inglês Joseph Lancaster (1778-1838), que defendia a ideia de alunos darem assistência a outros alunos como auxílio para o professor. Esse método se baseava na memorização e

repetição e não exigia que os alunos fossem grandes elucidadores. O método Lancaster foi desenvolvido pela necessidade de oferta de aula às grandes massas, poucos espaços físicos e poucos professores. No Brasil, esse método foi por certo tempo aplicado no século XIX. (ARAÚJO, 2010)

2. O PÓS-MÉTODO

É importante, antes de prosseguirmos, entendermos a diferença entre método e abordagem. Para tanto, recorreremos às definições de Brown (1997), mencionadas por Silva, em seu artigo *A era pós-método: o professor como um intelectual*:

Abordagem é entendida como "posições teóricas e crenças sobre a natureza da linguagem, a natureza da aprendizagem de línguas e a aplicabilidade de ambas no contexto pedagógico", enquanto Método é entendido como "um conjunto geral e prescrito de especificações da sala de aula para se atingir objetivos linguísticos. Os métodos tendem a estar relacionados, em primeiro plano, com os papéis e comportamentos de professores(as) e alunos(as) e, em segundo plano, com aspectos tais como objetivos linguísticos e de conteúdo, ordem dos assuntos e materiais utilizados [...].

Há ainda a metodologia, que de acordo com Mendes (2020) “[...] *consiste no campo que estuda os melhores métodos praticados. Assim, uma metodologia é a justificativa para a abordagem de pesquisa e a lente através da qual a análise ocorre. [...]*”. Em outras palavras, metodologia designa a observação de métodos aplicados em um determinado caso prático.

O pós-método é uma teoria que vai de encontro aos procedimentos até então utilizados em sala de aula. Enquanto um método (ou abordagem) para trabalhar com determinado grupo é selecionado e implementado antes mesmo do início das atividades, é inviável medir a sua eficácia antes de sua devida aplicação. Não há como saber qual será a reação do grupo ao procedimento aplicado, pois a escolha de tal método não deriva das experiências que o professor teria com esses alunos, sendo assim, é impossível definir se essa opção será de fato a melhor a ser trabalhada com o grupo em questão.

A ideia do pós-método é exatamente dar voz à experiência e deixá-la orientar o professor na seleção do método cabível para melhor atender o grupo com o qual trabalha, podendo isto ser revisto algumas vezes durante o decorrer do processo de

ensino. Assim nos diz Lima (2018, s.p.) em seu artigo “*O Ensino De Língua Estrangeira: Métodos E Pós-Método*”:

Após passarmos por várias mudanças de métodos de ensino de língua estrangeira entramos em um período de reflexão. Vimos avaliações da natureza desses métodos por vários estudiosos e vimos, também, o surgimento de várias ideias alternativas [...]

O pós-método é uma alternativa para o método e não um método alternativo e tem por características o estímulo à autonomia do professor, à capacidade do professor de saber o que e como ensinar, e como agir dadas as restrições acadêmicas e administrativas das instituições em que lecionam. Ele promove no professor a reflexão sobre sua prática, como fazer mudanças no processo ensino-aprendizagem e monitorar seus resultados.

O autor Kumaravadivelu (2004), *apud* Silva, muito discorreu sobre suas concepções sobre o pós-método e apresenta dez macroestratégias para ajudar o professor a dirimir a sua aula e essas se fundamentam em conhecimentos teóricos, empíricos e pedagógicos sobre o ensino de línguas estrangeiras. São elas:

- Garantir a relevância social: onde o foco é a diminuição da inibição dos alunos para maior participação em aula;
- Aumentar consciência cultural: levar os alunos à compreensão de que estudar uma língua excede as barreiras da gramática e vocabulário, há um contexto social e cultural que embasam os usos das formas linguísticas;
- Promover a autonomia do estudante: ajudá-lo a construir uma identidade linguística apreendida do professor a partir de certo ponto da jornada.
- Facilitar interação negociada: permitir aos alunos interagir mais amiúde em trabalhos de equipe durante as aulas para minimizar desajustes e ativar uma comunicação mais natural, baseada na negociação de entendimentos e sentidos;
- Contextualizar o insumo linguístico: fazer dos próprios alunos o maior insumo de uso da língua dentro da sala de aula;
- Ativar heurística intuitiva: levar os alunos ao uso de suas intuições a fim de apreender contextos;
- Promover o desenvolvimento da consciência linguística: mostrar ao aluno que o uso da língua se dá dentro de um mecanismo sistemático e que os nossos erros constituem em fundamentos para a construção do conhecimento desse sistema;

- Maximizar oportunidades de aprendizagem: onde o aluno terá mais oportunidades de realizar *output* linguístico;
- Integrar as habilidades linguísticas: a aprendizagem da língua deve se dar de forma equilibrada entre as quatro habilidades de aprendizagem, a saber, a audição, a fala, a escrita e a leitura, e qualquer um que não esteja em um bom nível poderá afetar o desenvolvimento de outras habilidades;
- Minimizar mal-entendidos: desenvolver no estudante a capacidade de se expressar claramente a fim de evitar ambiguidades ou mensagens de difícil compreensão em seu discurso.

O pós-método dá uma grande ênfase à autonomia. Autonomia do aluno que é responsável por perceber as estratégias que melhor se adequam à sua maneira de aprender; e, autonomia do professor que mostrará sua competência e confiança para produzir e colocar em prática as suas ideias. O pós-método sugere o autoconhecimento e o conhecimento do outro para estabelecer um canal de comunicação efetivo dos dois lados e assim, se produza um alto nível de satisfação entre ambas as partes.

3. COMPREENSÃO ATUAL DO CONCEITO MULTINÍVEL

Teachers use the term *multilevel* identify any group of learners who differ from one another in one or more significant ways. Arguably, every class is multilevel because learners begin with varying degrees of competence and then progress at different rates in each of the language skills: listening, speaking, reading, and writing (BELL & BURNABY, 1984; SANTOPIETRO, 1991; WRIGLEY & GUTH, 1992 – *apud* TURIN).

Partindo da concepção da existência da pluralidade de identidades (resultante da soma da experiência de mundo, da agilidade de processo cognitivo e da motivação que cada aluno carrega) dentro da sala de aula e da compreensão que o professor possui deste ambiente, pode-se enxergar claramente a configuração de um cenário multinível. Logo, todo ambiente educacional, ainda que monossериado ou mononivelado, é, de fato, em certa proporção multinivelado.

A premissa da metodologia multinivelada é trabalhar de forma a ensinar uma alta interatividade entre os alunos enquanto realizam o intercâmbio do máximo de experiências possíveis entre si, além de, mutuamente, colaborarem para o

crescimento linguístico e pessoal uns do outros. Isso é um espelho da experiência pela qual passamos no momento da aquisição da nossa língua materna, pois, quando crianças, interagimos incessantemente com pessoas que detêm um volume de conhecimento de mundo superior ao nosso e aprendemos por intermédio dessa interação que temos com essas pessoas. Há uma troca constante de conhecimentos, ainda que essa ocorra em níveis diferentes.

Assim, um ambiente de aprendizado multinível em um contexto linguístico se apresenta como uma alternativa de aproximação à época de aquisição da língua materna para os que são *beginners* ou *real beginners*, uma vez que esses aprenderão mais com o observar, interpretar, copiar, repetir e testar. Para os que são de níveis mais avançados, essa situação de aprendizado se assemelha aos adultos que já tem maior autonomia para o uso da língua nos contextos de vida real, mas ao mesmo tempo têm que prover explicações, elucidações e simplificações às crianças com quem convivem (neste contexto ilustrando os alunos iniciantes).

Quando vislumbramos uma aula como um simulacro da vida real para o efetivo aprendizado de uma língua estrangeira de forma dinâmica (tal como o é no nosso cotidiano) e não como uma máquina enferrujada que a duras penas funciona lentamente e destila pouco a pouco conhecimento na mente dos alunos, e sabendo já da inevitabilidade do multinível, podemos também perceber a potencialidade que possui esse sistema de ensino, em que os alunos são constantemente postos em atividade para gerar resultados instantâneos, porém, mais consistentes, e, logo, duradouros, no seu processo de aprendizado.

3.1. O ambiente de sala de aula heterogêneo e o ensino de língua estrangeira (metodologia multinível)

Um dos maiores desafios de ensinar uma língua estrangeira a um grupo de pessoas reunidas em um único ambiente e estudando o mesmo conteúdo ao mesmo tempo é promover um desenvolvimento equilibrado entre essas pessoas. Os professores devem sempre levar em consideração que cada aluno possui seu próprio ritmo e que necessita de determinados fatores (pessoais) que lhe conduzem em seu processo de desenvolvimento.

Analisando as ideias de Paulo Freire que em seu livro *Política e Educação* (1983) nos orientam a levar em consideração as experiências individuais prévias de cada aluno dentro de sala de aula, é possível perceber que os alunos, mesmo estando na mesma etapa de aprendizado, terão *backgrounds* diferentes, e esses *backgrounds* serão determinantes no seu processo de aprendizado individual e na eficácia de sua participação durante as aulas. Seja em uma sala de aula convencional de uma escola de ensino regular ou em um curso de língua estrangeira, haverá alunos com diferentes conhecimentos de mundo e esses conhecimentos (ou a falta deles) trazidos à sala de aula terá consequências diretas na forma de ensinar do professor e no modo de aprender da turma.

O simples fato de haver diversos alunos juntos em um contexto de aprendizado, mesmo que monossериado, implica a necessidade de haver estratégias variadas de ensino que o professor pode aplicar. Considerando que cada indivíduo naturalmente apresenta dificuldades próprias e as formas de lidar com essas questões são diversas, já se consegue entender a ideia da heterogeneidade existente no ambiente de sala de aula, onde cada participante possui conhecimentos prévios distintos e assim contribuirá de formas distintas durante o processo interativo; e, sabendo que as dificuldades apresentadas pelo grupo não são homogêneas, identifica-se outra característica multinível em um ambiente de ensino. A ideia de heterogeneidade é inerente a todo ambiente educacional, haja vista o aporte de experiências diferentes que os alunos fazem e se propõem a partilhar mutuamente. E a aplicação de multinível está intrinsicamente vinculada ao ambiente heterogêneo de ensino.

O fato de haver pessoas juntas em uma determinada etapa do aprendizado, de modo nenhum significa que todas detenham o mesmo nível de conhecimento prévio de mundo, ou o mesmo grau de conhecimento dos conteúdos já estudados pelo grupo, oportunidades iguais de pôr em prática os conhecimentos já adquiridos e nem as mesmas concepções e resultados no final da etapa pelo qual passaram ou estão passando.

Camelo e Júnior (2018) citam um parágrafo muito esclarecedor para corroborar este pensamento:

[...] indiscutivelmente, todas as salas são multiníveis porque os alunos começam com diferentes graus de competência e, em seguida, progridem em

ritmos diferentes em cada uma das habilidades linguísticas: audição, fala, leitura e escrita. (SHANK; TERRIL, 1995, apud CAMELO; JUNIOR, 2018)

Embora o método multinível possa ser aplicado no ensino de qualquer língua, utilizaremos o ensino de língua inglesa como exemplo para as questões que aqui serão levantadas, uma vez que esta é a língua estrangeira mais ensinada ao redor do mundo e a que consta obrigatoriamente na grade curricular das escolas de nosso país. Entendendo que o aprendizado do inglês é hoje um requisito básico para a formação profissional de um indivíduo da sociedade moderna, muitos pais se preocupam em oferecer aos seus filhos acesso a esse conhecimento desde cedo, e buscam expor seus filhos a um grande contato com material nesse idioma, como jogos, desenhos e outras formas de *input* dentro de casa, além de a criança poder contar com aulas em cursos ou professores particulares. Assim, ao terem uma aula de inglês na escola, o nível de conhecimento prévio desses alunos é superior comparado às crianças que não têm a mesma oportunidade. A facilidade com que lidarão com os conteúdos em sala de aula e a sua participação durante as aulas são significativamente maiores. Isso leva o professor a ter que interagir com o conteúdo e buscar a interação entre os alunos de formas distintas a fim de alcançar a todos de uma maneira eficaz.

Isto ainda se aplica ao considerarmos uma sala de aula de um curso de idiomas, composta por jovens e adultos, mesmo tomando como exemplo alunos no primeiro nível do curso. Uns apresentarão menores dificuldades de aprendizagem pelo fato de já possuírem um contato maior com a língua fora do ambiente escolar e já a haverem explorado anteriormente, seja por músicas, textos, filmes, ou meios outros disponibilizados massivamente pela Internet hoje em dia. Outros, mesmo vivendo no mesmo período de modernidade, terão tido um menor (ou nenhum - *real beginners*) *input* prévio da língua e assim, poderão apresentar maior dificuldade de aprendizagem e menor interação e produtividade no primeiro contato com a língua.

[...] Since all learners are different in language aptitude, in language proficiency, and in general attitude towards language, as well as learning styles, we can probably say that most languages classes are multileveled. Language classes also tend to be highly heterogeneous. That is, students in many of our classes are of different genders, maturity, occupations, ethnicities, cultural and economic backgrounds, as well as personalities. [...] (HESS, 2001)

Baseando-se nas configurações modernas de aprendizagem, Collicot (2000), um dos teóricos mais proeminentes dessa concepção de ensino, afirma que “*la enseñanza multinivel es una estrategia educativa basada en una organización*

diferente de la enseñanza.” O multinível, na verdade, se concebe como uma metodologia, pois há uma associação de múltiplas maneiras de atuação para alcançar o escopo inicial da proposta de ensino.

3.2. *Blended Learning*

Um dos conceitos que está intrinsicamente ligada às propostas da metodologia multinível e que tem servido como ferramenta para o sucesso de sua aplicação é o *Blended Learning*. Esta modalidade de aprendizado decorre da combinação de práticas pedagógicas do ensino presencial e do ensino a distância com o escopo de proporcionar mais recursos de prática a fim de aperfeiçoar o desempenho dos estudantes.

[Blended Learning] refers to the kind of learning that combines conventional teacher-student interaction in a face-to-face classroom situation with computer-mediated interaction when students and teacher are not in the same place at the same time. A wider definition includes the use of computerized equipment as it functions within the lesson, outside the lesson, and instead of the lesson. (UR, 2012)

Como uma das propostas da metodologia multinível é justamente criar o sentimento de independência nos alunos, o *Blended Learning* encaixa-se perfeitamente já que permite aos alunos decidirem não somente onde, mas também quando e como continuarão seu processo de aprendizado. Com isso, o aluno multinível cria um sentimento de auto condução, como se fosse realmente o dono do seu processo de aprendizagem e não apenas direcionado através dele.

Blended Learning is a formal education program in which a student learns at least in part through the online delivery of content and instruction with some element of student control over time, place, path, and pace, and, at least in part, at a supervised brick-and-mortar location away from home. (STAKER; HORN, 2012)

Deirdre Cijffers, em seus webinars, afirma que é comum concluir que o papel do professor se dissipa numa atmosfera que faz uso do *Blended Learning*, outro falso axioma com o qual nos deparamos. O professor deve realizar tarefas como ajuste de conteúdo, verificação de compreensão, promoção de colaboração, possibilidades de brainstorming e preenchimento de lacunas entre o ambiente online e a sala de aula. Cijffers também defende que, embora o *Blended Learning* exija mais preparo do professor, ele se assemelha a uma prática da vida real em que as pessoas têm que

lidar com as informações, tirar dúvidas e ajustar a linguagem para usá-la corretamente, o que torna a experiência de aprendizagem muito mais lucrativo para os alunos.

Somado a isto, os alunos multiníveis, quando em sala de aula presencialmente, devem interagir com outros alunos fazendo uso do que viram em ambiente externo à sala de aula. Por conta disso, a internet e a sala de aula se tornam complementares uma à outra e os alunos aprendem enquanto desfrutam do melhor de ambos os mundos.

3.3. Aulas em um contexto multinivelado

Sánchez (2003) propõe *“un único diseño de unidad didáctica o lección debe servir para enseñar a todo el alumnado del aula”*. Assim, entende-se que as aulas com estratégias organizativas multiníveis devem partir de um tema em comum, com nuances e vertentes diferenciadas, mas que contemplem todos os níveis existentes no grupo. As aulas devem ser preparadas prevendo as características, possibilidades e necessidades de todos os estudantes que compõem o grupo, e trabalhar todos esses pontos considerando as individualidades e peculiaridades inerentes ao grupo.

Conforme nos instrui Collicot (2000), a aula com enfoque multinível nunca poderá possuir uma condução estritamente linear e estática. Movimentar os alunos e usá-los como recursos uns para os outros é essencial para o bom funcionamento do momento aula. A preparação de uma aula multinivelar irá requerer sempre boas estratégias de agrupamento de alunos, administração de tempo, e negociação e distribuição de responsabilidades entre todos de forma organizada e equilibrada. Essas características precisarão ser revistas e reaplicadas a cada aula, resgatando as boas experiências de aulas anteriores e corrigindo as ruins.

O discernimento da condução desse formato de sala de aula e as dificuldades intrínsecas à sua implementação é ainda o maior desafio dentre os inúmeros acarretados por essa aplicação de ensino. É uma questão ainda muito árdua fazer os níveis interagirem satisfatoriamente e produzirem significativamente. Também, há ainda o rompimento do paradigma professor-centro, deslocando o professor de uma

posição eminente e proporcionando uma evidência maior à participação do aluno. Sobre isso, mencionam Camelo e Júnior (2018, s.p.):

[...] as dificuldades ocorrem muitas vezes pela conciliação entre os níveis iniciais e avançados, os níveis iniciais requerem mais silêncio e aula expositiva, já os níveis avançados precisam de um ambiente de maior conversação e interação. Conciliar um conteúdo que seja interessante para níveis avançados e ao mesmo tempo que os iniciais consigam acompanhar nos *warm-ups* e *closings* apresenta dificuldade [...]

Uma aula em um contexto multinível trará constantes novos desafios, e, portanto, deve ser sempre imbuída de estratégias inovadoras e multifacetadas, a fim de garantir o interesse de envolvimento por parte dos alunos cuja participação é vital para o acontecimento da aula multinivelada.

3.4. O papel do professor multinível

Morais e Franco (2011), abordando a questão do ensino de turmas multisseriadas, nos levam a refletir um pouco sobre o papel do professor. Nesse novo cenário de ensino, o papel do professor muda quase que completamente sua postura. Ele precisa deixar de ser o único expoente informativo para dar voz aos alunos de níveis mais avançados que despertam, entre muitas outras habilidades, a capacidade de simplificar seu discurso além de fazê-los mais tolerantes em relação ao uso de língua, uma vez que lidam diretamente com pessoas de níveis mais avançados ou básicos que o seu. O professor, dessa forma, assume um papel de facilitador dentro deste processo tendo como objetivo principal gerenciar participação e modelar o discurso e a oralidade de seus alunos. O professor, por meio da prática, acaba percebendo que cada aula é singular e possui suas próprias peculiaridades e, por conseguinte, dedica-se mais a sua preparação visto que perguntas inusitadas de todas as camadas de proficiência podem vir à tona.

Num ambiente de aprendizagem multinível, o professor deve possuir uma função adjuvante (diferente dos métodos tradicionais) e sempre direcionada a estimular a interação entre os alunos, enquanto os leva a permutarem informações e extraírem dessas informações o que precisa ser aprendido, sempre incrementando aquilo que os alunos de níveis avançados já sabem, e entabulando e estruturando as informações para os alunos dos níveis mais básicos, utilizando-se do auxílio dos alunos dos níveis superiores do grupo.

Entretanto, a vida de um professor multinível não pode e nem deve ser considerada fácil, segundo Morais e Franco (2011). Ele precisa entender que dentro de sala de aula ele simplesmente não irá conseguir estar em todo lugar ao mesmo tempo e, conseqüentemente, não conseguirá dar suporte imediato para seus alunos. Dessa forma, ele precisa utilizar-se dos próprios alunos como ferramentas para auxílio e explicações em sala de aula, como, por exemplo, solicitar que um aluno de nível mais avançado dê suporte para um aluno que está tendo dificuldades em determinada atividade. Em outras palavras, o papel que o professor desempenha dentro do método altera diretamente o papel que o aluno está acostumado a ter em sala de aula: o aluno deixa de ser passivo em relação ao seu processo de aprendizagem e passa a ter um papel mais bem definido, carregando uma porcentagem bem maior de responsabilidade sobre seu processo educativo. Como menciona Hess (2001): *“Everyone in the room is sometimes a student and sometimes a teacher, and students learn to carry a large slice of responsibility.”* Sendo assim, o professor é então responsável por promover um sentimento de mútuos ensino e colaboração.

Ideally in each lesson, the teacher will have some activity that the whole class can do together, to encourage the sense of being a group. There will be some time when students of similar abilities work together, and some time when students of different abilities work together. And there will be opportunity for students to work on their own. Each of these patterns offers a particular advantage for a specific type or types of language-based activity, so the teacher should choose the grouping pattern based on the purpose of the chosen activity. (Richards; Burns, 2012)

Gokhale (1995) descreve a ênfase sobre o papel do aluno sob a ótica do *Collaborative Learning*, o que nos leva a perceber um cenário em que o professor perde um pouco o protagonismo que sempre lhe foi conferido, transformando, em contrapartida, o ambiente de sala de aula em um lugar mais acolhedor e interativo por meio da colaboratividade promovida entre os participantes. Portanto, depreendemos a necessidade de que o professor conheça bem sua turma, conheça os níveis de seus alunos e, principalmente, o nível de produção esperada de cada um, pois, apesar de existirem variados níveis em sala, cada nível continua tendo seu objetivo principal (lexical, discursivo e gramatical) a ser alcançado. Sobre o *Collaborative Learning*, Gokhale afirma:

[...] refers to an instruction method in which students at various performance levels work together in small groups toward a common goal. The students are responsible for one another's learning as well as their own. Thus, the success of one student helps other students to be successful.

Em suma, o professor multinível é aquele que promove espaço amplo para o uso da língua a partir da participação de seus alunos e lhes fornece oportunidades para que eles criem uma maior independência em relação à figura docente; diferentemente do professor do modelo tradicional, que em sua performance mais centralizadora de fala, pode comprometer o processo de aprendizagem do aluno por colocar-se, por muitas vezes, como fonte maior de conhecimento e deixando o aluno em uma posição de dependência das suas constantes orientações.

3.5. O papel do aluno multinível

O aluno que estiver inserido dentro de uma metodologia multinível deve estar ciente que desempenhará um papel totalmente diferente do papel de um aluno de um método tradicional. Seu possível primeiro grande desafio será lidar com o sentimento de estranhamento no começo de sua jornada, uma vez que estará alocado em um ambiente que conterà alunos de díspares graus de conhecimento, inclusive alunos de níveis superiores ao seu.

Constituye otra forma de planificar la atención a la diversidad en el aula desde una perspectiva inclusiva, porque posibilita que cada alumno y cada alumna encuentre, respecto al acceso y desarrollo de un contenido, actividades acordes a su nivel de competencia curricular, y estas les permita el progreso, y la implicación de manera personalizada. (SÁNCHEZ, 2003)

Após vencer a primeira barreira do método, o aluno enfrentará o segundo maior desafio: transformar um ambiente potencialmente competitivo em um ambiente colaborativo (Hess, 2001, p.03). Considerando que a sala de aula tradicional, em sua essência, preza pelo desenvolvimento individual do aluno, no contexto multinível o aluno é impelido a usar da colaboratividade para a execução das mais simples tarefas, desde mesmo suas primeiras aulas (Hess, 2001, p.10). A fomentação da cooperação entre alunos de mesmo nível e de alunos interníveis é a atividade basilar do professor, cuja atuação se dará precipuamente com o intuito de promover essa interação entre os alunos. Destarte, os alunos iniciantes já começam a perceber que, através da colaboratividade, podem aprender numa velocidade um pouco mais acelerada já que o ambiente simula uma realidade de imersão.

Com a sequência de aulas, o aluno percebe que seu papel dentro do multinível se torna mais evidente e ganha o devido respeito que merece e que, assim como o

professor, também carrega uma porção de responsabilidade para que o conceito se aplique de maneira adequada (Hess, 2001, p.10). Além disso, é importante ressaltar que a metodologia multinível, por focar na questão colaborativa, faz com que seus alunos se tornem pessoas mais tolerantes no que tange à ocorrência de erros feitos pelos próprios alunos, pois começam a deixar de julgar erros por entender a sua naturalidade e importância dentro do processo de aprendizado e, assim, ajudar na correção desses.

Em um primeiro momento, pode-se ter a impressão de que o papel do aluno cresce em proporções a apagar o papel do professor, o que de fato não ocorrerá se a execução do conceito de colaboratividade for bem performada e a supervisão e intermediação do professor for constante e precisa.

Um aspecto que pode suscitar questionamentos sobre a funcionalidade do sistema multinivelado é a lucratividade de conhecimento que cada nível extrairá dessas interações em sala de aula, uma vez que os alunos em níveis básicos têm (aparentemente) mais coisas a absorverem desse diálogo do que os alunos de níveis avançados. Isto, no entanto, não é um axioma. Os alunos de níveis básicos terão muitas oportunidades de descobertas do ponto de vista linguístico e cultural sobre a língua através da dada interação com outros alunos e, assim, pouco a pouco, vão construindo seu conhecimento. Os alunos de níveis avançados poderão, nesses momentos de intercâmbio informativo, não somente lapidar sua habilidade de explicação de um conteúdo com a capacidade de simplificação para alunos mais básicos, como também visitar assuntos gramaticais, lexicais e discursivos estudados previamente em sua trajetória, diminuindo, desta forma, a probabilidade de erros fossilizados. Assim, vê-se claramente o fluxo cíclico do aprendizado de língua estrangeiras.

É esperado que o alunato multinível desenvolva mais facilmente características que todo falante e aspirante a falante de uma língua estrangeira deve possuir: paciência e tolerância. Paciência, pois a língua se usa sempre em relações interpessoais e a comunicação necessita de atenção de todas as partes envolvidas para que haja um bom processamento e que a mensagem seja sempre o mais clara possível; e, tolerância, pois nossos cérebros processam informações em tempos distintos, e as vezes por a carga de informação da mensagem transmitida ser

demasiada para o receptor ela precisa ser reconfigurada e retransmitida, e também a diversidade de *backgrounds* culturais e sociais podem trazer dificuldades à conversa e impossibilitar uma imediata compreensão.

Através do aprendizado colaborativo, os alunos aprendem a engajar-se, a negociarem durante a comunicação, a arriscarem-se mais frequentemente, e também se tornam mais observadores, monitores de si mesmos e autocríticos.

Assim, espera-se que o aluno inserido em um contexto multinível deva ser um aluno totalmente ativo, altamente participativo, consciente de sua responsabilidade no decurso de seus estudos, e também paciente e tolerante com as dificuldades que o uso de uma língua estrangeira possa acarretar aos que estão em processo de aprendizado.

3.6. Benefícios e desafios do multinível

As aulas multiníveis tendem a ser consideradas um tipo problemático de aula. Entretanto, há inúmeros benefícios tanto para alunos quanto professores nesse formato. Já foram apresentados anteriormente alguns benefícios angariados pelo uso da metodologia multinível. Tornar os alunos mais independentes e preparados para o uso da língua aprendida é sem dúvida o maior deles.

Nathalie Hess, em seu livro *Teaching Large Multilevel Classes*, aponta alguns benefícios e alguns outros desafios da aplicação do multinível em sala de aula. Alguns dos benefícios, a saber, são:

- Há sempre alunos suficientes para interação: a propensão de haver poucos grupos em sala de aula é baixa, haverá sempre alunos de grupos variados e logo, haverá grande possibilidade de interação multinível.

- Conseguimos sempre uma rica variedade de recursos humanos: como uma aula de língua não se resume apenas à metalingua, mas se estende também ao resultado do contato social e cultural para o qual a língua serve como instrumento, assim, quanto mais participantes houver, mais rica a permuta de informações será.

- O professor não é o único pedagogo: os alunos compartilham com o professor esse papel de explanador, tendo todos a chance de protagonizar o papel de ensinador.

- Nunca nos entediamos: haverá sempre um novo desafio na aula multinível, tanto para o professor, quanto para o aluno, portanto, sempre se encontrará um clima para inovação. Uma preparação de uma aula para um grupo multinível poderá ser sobremodo distinto daquela ministrada para outro grupo multinível, assim, a necessidade de revisitar a aula para ajustá-la, incrementá-la e, de certa forma, customizá-la será uma rotina para o professor multinível.

- O desenvolvimento profissional ocorre naturalmente: as aulas desse formato compelem os professores a se reinventarem constantemente e a desenvolverem seu material e sua aula de maneira mais criativa, o que impacta diretamente na qualidade da sua atuação como profissional, rompendo suas próprias barreiras e ampliando seus próprios horizontes.

No tocante aos desafios, nos deparamos com o fato de que uma metodologia não convencional acarretará muitos estranhamentos não só para alunos, como para professores também. Nos deparamos com quatro perguntas que permeiam a preparação de aula multinível: *Como ter certeza de que todos os alunos estão de fato aprendendo efetivamente? Como balancear atividades para que não fiquem desafiadoras ou fáceis demais? Como fazer os alunos participarem ativamente? Como motivar alunos para que não achem as aulas sobremodo desafiadoras (para alunos de níveis mais baixos) ou demasiado entediantes (para alunos de níveis mais altos)?* Para responder tais perguntas, é preciso analisar alguns pontos do multinível. Hess (2001) aborda algumas perspectivas sob as quais podemos trabalhar durante a preparação e execução de uma aula multinível:

- O professor pode frequentemente sentir-se fora do controle: pois não se colocando como único protagonista em cena, pode se sentir desconfortável no início ou durante o processo. Entretanto, quando o professor aprende a organizar melhor a sua aula (em termos de agrupamentos de alunos, distribuição de tarefas e desenvolvimento da prática de correções adequadas), este consegue obter o controle esperado.

- Com um grupo muito numeroso, nos sentimos presos em questões de gerenciamento de tempo: qualquer aula exige esforço e planejamento, porém, em um formato multinível, o planejamento deve ser ainda maior no que diz respeito ao tempo. O professor não pode e nem deve se sentir pressionado a atender todas as

dúvidas imediatamente. É preciso gerenciar bem sua turma para que o tempo seja bem aproveitado.

- Nos sentimos frustrados com o alto número de trabalho escrito: diferentemente das turmas tradicionais, haverá tantas atividades quantos níveis houver em sala, assim, haverá uma diversidade de atividades a serem corrigidas.

- É difícil providenciar material para diversos estilos de aprendizado: a elaboração de material auxiliar é um recurso que o professor usa com o intuito de fomentar um conteúdo já estudado e ajudar os alunos a assimilá-lo melhor, mas prepará-lo demanda tempo e criatividade, isto é, portanto, potencializado dentro do contexto multinível, visto que o material deve atender aos conteúdos estudados por cada nível do grupo.

- É difícil ativar o aluno quieto: este é um desafio em qualquer metodologia, porém, no contexto multinível, o aluno pode sentir-se mais inibido por saber que está lidando com vários outros alunos que partilham do mesmo ambiente de estudo, embora com níveis diferentes do seu.

Outro grande desafio é capacitar professores e qualificá-los para atuar em aula que fazem uso dessa metodologia, pois, prepará-los para lidar com uma gama de realidades de aprendizado dentro de um único ambiente de ensino, partindo de um mesmo ponto em comum e distribuindo tarefas diferenciadas para cada grupo de participantes e supervisioná-las, não apenas produzindo uma interação eficiente entre esses grupos mas também promovendo uma colaboração entre eles, é uma tarefa demasiado trabalhosa.

O desafio se torna ainda mais extenuante quando o grupo em questão for composto por adultos, por estarem esses sendo inseridos em um ambiente de aprendizado inovador (uma vez que a ideia da metodologia multinível surgiu há poucas décadas) que contraria todo o percurso de aprendizado com o qual lidaram durante as suas vidas. Ainda assim, o público adulto se mostra como um dos campos mais férteis para o sucesso da aplicação desse *modus operandi*, haja vista que os adultos possuem vasta experiência de vida e, conseqüentemente, uma bagagem maior de informações a intercambiar e, por isso, apresentam, provavelmente, maior destreza ao fazê-lo. Sobre isso, citam Camelo e Júnior (2018, s.p.):

Ensinar alunos adultos de ESL em salas multiníveis é um desafio que requer grande habilidade e sensibilidade. Os professores devem ter um planejamento que reflete o conhecimento das diferentes habilidades linguísticas dos alunos, cultura e formação educacional, expectativas de sala

de aula, estilos de aprendizagem preferidos de seus alunos para então ajudar esses alunos a aprender inglês como segunda língua como parceiros em sua própria educação. Através do uso de estratégias de agrupamento versáteis e materiais de auto acesso, os professores podem gerenciar uma sala de ESL multinível onde todos os alunos terão sucesso. (SHANK, TERRIL, 1995)

Ao levantar esses pontos, Hess (2001) procura também citar algumas atitudes relevantes para enfrentar os problemas de sala de aula e potencializar os benefícios produzidos numa aula multinível. Assim, ela elenca onze princípios que norteiam os professores em suas posturas pré, durante e pós aula. A saber:

Princípio um - Não deixar se afetar por uma aula que não saiu como o planejado, podemos sempre buscar fazer diferente para a aula seguinte.

Princípio dois - Buscar sempre variar as atividades nas aulas a fim de evitar a ideia de monotonia e proporcionar o clima de mudança.

Princípio três - Lidar cuidadosamente com o tempo para cada atividade para usufruir da melhor maneira possível cada atividade executada.

Princípio quatro - Propor assuntos que pertençam aos campos de interesse aos alunos.

Princípio cinco - Promover sempre colaboração entre os alunos, testando suas capacidades de monitoria e autoavaliação.

Princípio seis - Trabalhar atividades individualizadas quando necessárias para nortear o aluno e melhorar a sua performance.

Princípio sete - Personalizar atividades a fim de contemplar questões individuais dos alunos.

Princípio oito - Providenciar atividades nas quais os alunos possam exercitar suas capacidades de escolha e respostas subjetivas.

Princípio nove - Estabelecer rotinas que produzam uma disciplina de trabalho.

Princípio dez - Envolver todos os alunos, sempre solicitar novos voluntários, dar oportunidades a diferentes participantes a cada vez, chamando-os pelos seus nomes.

Princípio onze - Utilizar perguntar de provocação com o intuito de fazê-los opinarem, explicarem, contestarem, concordarem, discordarem dentro do ciclo conversacional em que se desenrola a aula.

Ferreira e Gondar (2018, s.p.) dialogando sobre a complexidade da aplicação do multinível no contexto de sala de aula, mencionam três dimensões do ensino e do aprendizado de uma língua estrangeira:

A dimensão social, que engloba questões relacionadas às possibilidades de socialização e cooperação levando em conta a multiplicidade de níveis em sala de aula; a dimensão pedagógica, que impõe transformações na racionalidade didática em sala (como as formas de condução da aula e o trato com os materiais de ensino; e a dimensão política, que nos permite compreender melhor os processos de produção do fracasso e de evasão [...]

Os mesmos autores argumentam sobre a necessidade de o professor fazer o reconhecimento do seu ambiente multinível, o que o leva a refletir sobre essas dimensões e a repercussão da atuação em sala de aula sobre elas. Sobre isso afirmam:

O professor, ao desconsiderar a necessidade de problematizar essas dimensões, se encontra diante de um desafio ainda maior já que, desconhecendo seu ambiente de inserção, dificilmente poderá contribuir para uma vivência significativa do alunato com a língua estrangeira e, conseqüentemente, para sua emancipação enquanto sujeito produtor e ressignificador de conhecimento. Dessa forma, a sala multinível não problematizada contribui para a inacessibilidade ao conhecimento e possivelmente para a perda de motivação do aluno.

É inquestionável a grandeza do desafio de gerir uma turma em um contexto multinivelado. Ao planejarmos uma aula para um grupo em contexto multinível, podemos seguir os procedimentos sugeridos por Callicott (2000) que nos oferece um tutorial do que pode ser feito para melhor preparar uma aula multinível:

Primeiro passo: Determinar as ideias que realmente queremos que o nosso alunado aprenda, deixando explícito o que está subjacente aos conteúdos principais e delinear conteúdos alternativos e personalizados que vão ao encontro dos anseios dos alunos.

Segundo passo: Determinar as propostas, canais, meios, estilos e métodos de apresentação dos conteúdos aos alunos, de forma democrática e eficiente, tentando providenciar soluções para as possíveis barreiras que possam surgir e limitar a comunicação dentro do grupo.

Terceiro passo: Determinar os métodos de prática do alunado, buscando formas dinâmicas de interação entres os indivíduos e de rápido resultado e que gerem um alto nível de participação de todos.

Quarto passo: Determinar os métodos e instrumentos de avaliação do alunado e das evidências de evolução e progresso dos alunos. A avaliação deve ser contínua a fim de fazer o aluno perceber sua evolução ao longo do processo.

Quinto passo: Revisão da coerência do conjunto da programação planejada para dar resposta à totalidade do alunado, incluindo aqueles com maior dificuldade, assegurando, assim, que todos estão sendo acompanhados incessantemente.

A metodologia multinível é uma concepção moderna de transformar a sala de aula baseando-se em contexto reais e observando muito de perto as ideias vygotskyanas de aprendizagem cooperativa e Zona de Desenvolvimento Proximal, que compreende as ideias de aprendizado de forma autônoma e de forma colaborativa e guiada. A aplicação do multinível é muito pautado no uso da tecnologia combinado ao aprendizado, uma vez que ela é um ótimo auxiliar para os professores, permitindo-os usar diversos artifícios para diminuir possíveis situações complicadas referentes à explicação de conteúdo por parte dos alunos e oportuniza o *blended learning*. É uma metodologia que exige alta flexibilidade na atuação do professor, agilidade na solução de problemas em sala de aula, capacidade de lidar com imprevistos e grande habilidade de observação para acompanhar os grupos durante suas atividades.

A literatura sobre o multinível ainda é incipiente comparada aos estudos já realizados sobre outros métodos e abordagens, e suas aplicações. É um conceito ainda em análise por muitas instituições e que aos poucos está sendo adotado por cada vez mais ambientes educacionais que verificam os resultados positivos produzidos durante o processo de aprendizado ocorrido em um ambiente multinível.

4. A METODOLOGIA MULTINÍVEL SOB UM OLHAR CRÍTICO: POSSÍVEIS PROBLEMAS

Embora em teoria, as propostas da metodologia multinível sejam sobremodo atrativas (inclusive por seu afastamento da convencionalidade do ensino tradicional

de idiomas), é preciso observar que, como a qualquer outro método ou abordagem, cabem questionamentos referentes à sua execução, uma vez que partes da sistematicidade dessa metodologia podem se transmutar em falhas que podem demandar uma enorme atenção e desmantelar todo aparelho prático da metodologia.

A começar pelo próprio cerne da metodologia, que é a concepção de que uma turma multinível deve possuir diversos níveis diferentes em sala de aula para provocar uma simulação mais real de imersão, é preciso considerar que a excessividade de níveis pode ser um problema tanto para o professor, quanto para a própria turma.

No que diz respeito ao professor: é notório o fato de que não poderá atender a todos os alunos ao mesmo tempo; em trabalhos de grupo, por exemplo, deverá visitar os grupos um a um, dando a cada grupo as devidas instruções e supervisões, o que pode consumir muito tempo da aula; isto, em um contexto mononivelado ocorre com menos frequência, uma vez que as mesmas instruções podem ser dispensadas para o grupo geral e a supervisão fica mais fácil de ser executada, pois todos desempenham a mesma tarefa. Logo, considerando que em um contexto multinível há a expectativa de produções diferenciadas, exige-se do professor mais cautela para dividir sua atenção e aplicar a devida cobrança a cada grupo, sem prejuízo da qualidade de supervisão.

A abundância de níveis pode acarretar, para o professor, um mal gerenciamento de tempo, principalmente para professores iniciantes e inexperientes com o tato da metodologia. Ao dirigir-se à turma, o professor deve saber modular o seu discurso todo o tempo para que tanto os níveis básicos quanto os avançados se sintam contemplados. Essa atividade se revela estritamente desafiadora, pois, o discurso deve ser formulado a não parecer muito difícil para alunos iniciantes/básicos e tampouco simplórios demais para alunos que já estão preparados para o consumo de estruturas orais mais complexas. A não execução de um discurso que não atenda as duas vertentes simultaneamente proporciona à aula um clima de caos e desorganização que pode deteriorar a confiança que a turma deposita no professor e logo, conseqüentemente, na eficiência da metodologia.

Pertinentemente ao ensino de gramática e léxico em sala de aula, numa turma de ensino mononivelado, o professor precisa estar preparado para lidar com um repertório de conteúdo menor do que aquele que, de fato, lhe será demandado em

uma turma multinivelado, já que cada nível terá que estudar um conteúdo pertencente à sua própria grade. Assim, o professor deverá estar sempre preparado para dar explicações, fazer esclarecimentos e correções. Um professor que não possua essa versatilidade e não acompanhe este perfil não será capaz de atuar numa turma multinivelada.

A aplicação do método também exige do professor a capacidade de lidar com várias formas de correção em sala de aula, as mesmas técnicas de correção não podem e não devem ser aplicadas de formas idênticas a níveis diferentes e nem a atividades diferentes, logo, o professor tem que ativar sua capacidade de análise e reconhecimento para entender qual a melhor técnica. As correções são sempre algo problemático em sala de aula, pois envolvem o fator emocional do aluno, assim, se o professor trabalha com muitas inadequações no momento da correção (principalmente oral), gera um desconforto e timidez do aluno, o que compromete o rendimento do aluno e no caminhar da aula.

Ao preparar a sua aula, o professor multinível deve procurar abordar de forma harmônica todos os conteúdos a serem trabalhados em sala de aula. A escolha do léxico para exploração, vinculada aos conteúdos gramaticais devem ser consoantes e sincrônicos. No entanto, considerando que a essência do multinível é baseada na abordagem comunicativa e que a conversação vai ocupar grande parte da aula, é impossível, com a pluralidade de níveis em sala, prever todas as questões que serão levantadas, e, lidar com essas situações imprevistas a cada aula, demanda do professor um acervo de técnicas que não é disponibilizado pela metodologia.

Cabe-se também mencionar a grande quantidade de tarefas diversas escritas as quais o professor deverá corrigir, o que é deveras extenuante, pois demanda muita atenção do professor acompanhar os requisitos de cada nível e atribuindo-lhe os pesos necessários, podendo existir alta margem de erro nesse dado momento.

Quanto ao aluno, o multinível traz, desde o primeiro momento, a sensação de desconforto e falta de linearidade nos estudos. Uma vez que o aluno se expõe nesse ambiente, se depara com uma cobrança por construção da própria autonomia e a alta capacidade de observação e atenção ao que ocorre ao seu redor dentro de sala de aula. Isso pode provocar um sentimento de incapacidade e frustração para os alunos iniciantes que naturalmente tenham dificuldades com o aprendizado de língua

estrangeira. A conscientização de que o processo requer muita paciência e dedicação do aluno é primordial para sua sobrevivência no ensino multinível.

Com muitos níveis em sala, a problemática para os níveis mais básicos tende a ser maior. Há uma grande possibilidade de encontrarmos alunos relutantes e tímidos para participar das aulas por não quererem se expor diante de alunos mais avançados que eles. Com isso, o rendimento desses alunos será de mediano a baixo, e sua insatisfação alta, o que leva a um alto fluxo de evasão.

Para os alunos básicos, que embora terão atividades com grau de dificuldade condizente ao seu nível, podem ser rápidos sua execução e ao terminarem-nas, ficarão com tempo ocioso enquanto os outros níveis ainda trabalham. Se não forem incumbidos de outra tarefa, podem se entregar a outra atividade qualquer no meio da aula que disperse a sua atenção e foco. O que, logo, exige outra vez do professor estratégias cabíveis para evitar que isso ocorra.

Considerando o que foi acima relatado, a metodologia multinível possui uma aplicabilidade muito dependente do desempenho do professor, exigindo desse uma alta versatilidade e dinamicidade dentro e fora de sala de aula, o que pode passar de desafiador a cansativo e desmotivante depois de um certo tempo de atuação. O que também é uma verdade sobre o aluno, uma vez que sobre ele recai a alta responsabilidade de colaboração. Se os níveis mais avançados se eximirem de auxiliar os níveis mais básicos, ou estes criarem barreiras para interação por timidez, insegurança, ou qualquer outro fator, a prática multinível não será eficiente e, conseqüentemente, resultará em uma experiência improfícua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da existência dos diferentes métodos e abordagens para o estudo de uma língua estrangeira, tanto o professor quanto o aluno são induzidos a fazerem uma reflexão sobre as suas necessidades e limitações nesse campo de aprendizado para poder sabiamente eleger o método com o qual prefere trabalhar, buscando o que lhe proporcione um resultado com maior consistência e com economia de tempo, pois este é um dos fatores que mais pesam ao aprender uma língua estrangeira.

Não há métodos ou abordagens perfeitas. Todas foram geradas para resolver questões que assomaram na época da sua concepção e, portanto, sua atuação se limita aos fatores aos quais se propuseram resolver quando do seu surgimento. Já percebendo essas imperfeições que continham cada novo método ou abordagem que surgia, é que as propostas modernas contemplam aspectos mais flexíveis de execução e resultam de combinações entre as teorias já existentes.

Dentre as muitas metodologias que há, emergiu uma recente, chamada metodologia multinível, que consiste em romper as barreiras de “níveis” em sala de aula, às quais os alunos estiveram desde sempre submetidos, convivendo com pessoas do “mesmo nível” que o seu, sujeitos às estruturas pré-estabelecidas de conhecimento dos conteúdos da língua aprendida, o que, de certa forma, configura uma limitação da possibilidade de uma expansão mais acelerada que os alunos poderiam ter, em uma configuração mais aberta à interação com pessoas de diferentes *backgrounds* e do emprego mais eficaz da língua, simulando situações mais realísticas através desse contato entabulado pelos alunos entre si.

Deve-se, contanto, levar em consideração que o multinível consiste em mais do que juntar alunos de diferentes níveis no mesmo ambiente. Fazê-los interagir entre si e de forma produtiva é um desafio demasiado grande para o professor; fazer de uma aula com muitos enfoques diferentes ter um ponto de encontro em comum entre os grupos é uma tarefa árdua que nem sempre se consegue executar bem. Ter uma aula com muitos alunos é ter vários cenários. Ter vários níveis significa ter vários cenários em dimensões diferentes e essas diferentes dimensões devem conversar entre si, que é outro desafio que a metodologia oferece e que pode facilmente converter-se em um problema se as ferramentas não forem bem utilizadas, os professores carecerem de melhor preparação, os alunos não estiverem abertos à colaboratividade; ou seja, o multinível só tem espaço para uma boa execução se as partes (professor/aluno) tiverem simultaneamente um bom desempenho de seus papéis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTHONY, E. M. **Abordagem, Método e Técnica**. Disponível em: <<http://www.helb.org.br/index.php/revista-helb/ano-5-no-5-12011/187-abordagem-metodo-e-tecnica>> acesso em 18 de mai. 2021.

ARAÚJO, Jefferson Santos. **Esboço sobre o surgimento, as características e a implantação do método monitorial/mútuo no Brasil do século XIX**. Cadernos da Pedagogia. São Carlos: Ano 4, v. 4, n. 7, 2010, p. 86-95. Disponível em: <<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/179/105>.> Acesso em 15 de abr. 2021.

BORGES, E. F. do V. **Metodologia, Abordagem e Pedagogias de Ensino de Língua (s)**. 2010. Linguagem & Ensino, UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Pelotas, v.13, n.2, p.397-414. Disponível em: <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15373>> Acesso em 18 de jun. 2021.

CALLICOTT, J. **Posar en practica l'ensenyament multinivell: estratègies per als mestres**. 2000. Revista Catalana d'Educació Especial i Atenció a la Diversitat, 4 (1), p.87-100. Disponível em: <<https://www.raco.cat/index.php/Suports/article/view/102003/141934>> Acesso em 18 de fev. 2021.

CAMELO, F. F.; JUNIOR, A. H. T. **Sala de Estudo do Multinível no Ensino de Língua Inglesa: Uma Análise da Formação Contínua de Professores**. 2018. Disponível em: <<https://www.anais.ueg.br/index.php/semintegracao/article/view/10909/8659>> Acesso em 21 de jan. 2021.

CESTARO, S. A. M. **O Ensino de Língua Estrangeira: História e Metodologia**. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/videtur6/selma.htm>> Acesso em 10 de jun. 2021.

CIJFFERS, D. **Blended language learning and the flipped classroom**. 2014. Disponível em: <<http://www.cambridge.org/elt/blog/tag/deirdre-cijffers/>> Acesso em 24 de mai. 2021.

COELHO, L.; PISONI, S. **Vygotsky: sua teoria e a influência na educação**. (2012) Revista e-Ped – FACOS / CNEC Osório Vol . 2 – Nº 1. Disponível em: <http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teor%C3%ADa_e_a_influ%C3%ADncia_na_educacao.pdf>

FERREIRA, M. V.; GONDAR, A. **Mapeando as dimensões de um desafio: o ensino de alemão como língua estrangeira em contextos multinível**. 2018. Pandaemonium, São Paulo. v. 21, n. 35, set-dez. 2018, p. 121-143. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/pg/v21n35/1982-8837-pg-21-35-00121.pdf>> Acesso em 9 de jan. 2021.

GOKHALE, A. A. **Collaborative Learning enhances critical thinking**. 1995. Disponível em: <<https://scholar.lib.vt.edu/ejournals/JTE/v7n1/gokhale.jte-v7n1.html>> Acesso em 25 de fev. 2021.

HESS, N. **Teaching Large Multilevel Classes**, Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

LIMA, J. **As Metodologias do Ensino de Língua Estrangeira**. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20070221042711/http://www3.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/315.htm> Acesso em 15 de jun. 2021.

LIMA, T. R. de. **O Ensino De Língua Estrangeira: Métodos E Pós-Método**. 2018. Disponível em: <<https://fce.edu.br/blog/o-ensino-de-lingua-estrangeira-metodos-e-pos-metodo/>> Acesso em 10 de mar. 2021.

MATOS, M. **Qual a importância da língua inglesa no atual mundo globalizado?** Disponível em: <<https://jcce.com.br/qual-a-importancia-da-lingua-inglesa-no-atual-mundo-globalizado/>> Acesso em 15 de mai. 2021.

MENDES, G. **O que é metodologia? Qual a importância? Quais os tipos?** 2020. Disponível em: <<https://www.fm2s.com.br/metodologia/>> Acesso em 4 de abr. 2021.

MOITA LOPES, L. P. **Inglês e globalização em uma epistemologia de Fronteira: ideologia lingüística para tempos híbridos**. 2008. Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/250982827_Ingles_e_globalizacao_em_uma_epistemologia_de_frenteira_ideologia_linguistica_para_tempos_hibridos> Acesso em 19 de jan. 2021.

MORAIS, C.; FRANCO, S. R. K. **Avaliação de alunos de turmas heterogêneas no ensino a distância**. 2011. Cadernos de Informática – Volume 6 – Número 1. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/cadernosdeinformatica/article/view/v6n1p155-162/11749>> Acesso em 3 de jun. 2021.

NEVES, F. M.; MEN, L. **O método pedagógico de Lancaster e a cultura escolar**. Universidade Estadual de Maringá (UEM). Disponível em: <http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anais16/sem07pdf/sm07ss12_06.pdf> Acesso em 10 de jun. 2021.

OLIVEIRA, F. J.; SANTOS, W. L.; SOUZA, A. T. **Entre desafios e possibilidades: práticas docentes desenvolvidas em classes multisseriadas**. 2017. Revista Científica da FASETE. Disponível em:

<https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2017/14/entre_desafios_e_posibilidades.pdf> Acesso em 4 de abr. 2021.

REDONDO, D. M. **Abordagem, Método e Técnica: diálogos e duelos**. 2016. Estudos Linguísticos, São Paulo, 45 (2): p. 504-518. Disponível em: <<https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/download/660/1041>> Acesso em 15 de mai. 2021.

RICHARDS, J. C.; RODGERS, T. S. **Approaches and Methods in Language Teaching**. 2001. University Cambridge Press, Cambridge.

RODRIGUES, D. **Entendendo melhor o que é Método, Metodologia e Abordagem**. Disponível em: <<https://blogdanielrodrigues.com/2012/10/21/entendendo-melhor-o-que-e-metodo-metodologia-e-abordagem/>> Acesso em 15 de mai. 2021.

SÁNCHEZ, P. A. **La educación inclusiva en el siglo XXI. Avances y desafíos**. Universidad de Murcia. 2019. Disponível em: <<https://www.um.es/documents/1073494/11766712/Leccioon-Santo-Tomas-2019-Pilar+Arnaiz.pdf/e58361e5-5cf0-4ac1-991e-0b6eaf89638b>> Acesso em 3 de abr. 2021.

SILVA, G. A. **A era pós-método: o professor como um intelectual**. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/lec/02_04/Gisvaldo.htm> Acesso em 5 de mai. 2021.

TURIN, T. A. **Innovative Teaching Styles / Methods for Multilevel Foreign Language Learners**. 2015. International Journal of Science and Research (IJSR). Brac University, Bangladesh. Disponível em: <<https://www.ijsr.net/archive/v6i3/ART2017740.pdf>> Acesso em 23 de mai. 2021.

UR, P. **A Course in English Language Teaching**. 2012. Cambridge: Cambridge University Press.

VEIT, S. C. H. **Metodologias Ativas para o Ensino de Língua Estrangeira**. 2016. Monografia de Curso de Graduação. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ, Ijuí. Disponível em: <<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/4273/Simon%C3%AD%20Claudete%20Hirschmann%20Veit.pdf?sequence=1>> acesso em 22 de mai. 2021.

_____. **Enseñanza Multinivel**. Disponível em: <<http://www.jblasgarcia.com/2018/12/ensenanza-multinivel.html>> Acesso em 20 de jan. 2021.

_____. **Método ou Abordagem: Qual a diferença? - Parte I**. Disponível em: <<https://www.inglesnapontadalingua.com.br/2009/06/metodo-ou-abordagem-qual-diferenca.html>> acesso em 26 de mai. 2021.

_____. **Techniques, methods and approaches: much ADO about nothing?**

Disponível em: <<https://www.newroutes.com.br/ingles/techniques-methods-and-approaches-much-ado-about-nothing/>> Acesso em 21 de jan. 2021.